



É com o olho no futuro que representantes de 170 povos indígenas chegam ao litoral baiano, onde os brancos festejam os 500 anos do descobrimento

Índios já cobram próximos 500 anos

Marcos Savini
 Enviado Especial

Porto Seguro — Enquanto jovens índios esbaldam-se nas águas das praias de Cabralia, na Bahia, o velho Antônio Apurinã mira o horizonte. Ele exibe um sorriso infantil de quem nunca viu o mar, depois de 74 anos nas matas que beiram o rio Purús, no Amazonas. Não se atreve, como os outros, a entrar naquela "belezura" azul. Se nos rios de sua região as pessoas somem, vez ou outra, levados pela "cobra grande", imagine que monstros não existem na imensidão do oceano?

O velho apurinã penou para chegar a Santa Cruz de Cabralia, município vizinho ao de Porto Seguro, onde mais de 1,5 mil índios de todo o país reúnem-se durante as comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil. Foram dez dias de viagem, sob forte calor e uma gripe generalizada no ônibus cheio de índios do Acre e do Amazonas.

Se encontrar o presidente Fernando Henrique Cardoso, que ainda não se sabe se irá à celebração dos índios em Coroa Vermelha — local onde Pedro Álvares Cabral mandou rezar a primeira missa do Brasil — Antônio pedirá ao cacique dos brancos que os próximos 500 anos do país sejam melhores para os índios que os cinco séculos que se completam nesta semana.

Na mesma caravana de índios de doze diferentes tribos que trouxe Antônio para a costa do descobrimento, veio Fernando Yawaná. Ele é professor e líder de seu povo, que caminhava para a extinção quando a Fundação Nacional do Índio (Funai) finalmente demarcou seu território em 1982. Naquele ano, havia 170 yawanawás. Hoje, já sem conflitos violentos com peruanos e nordestinos que invadiam suas terras atrás de seringueiras, são 520.

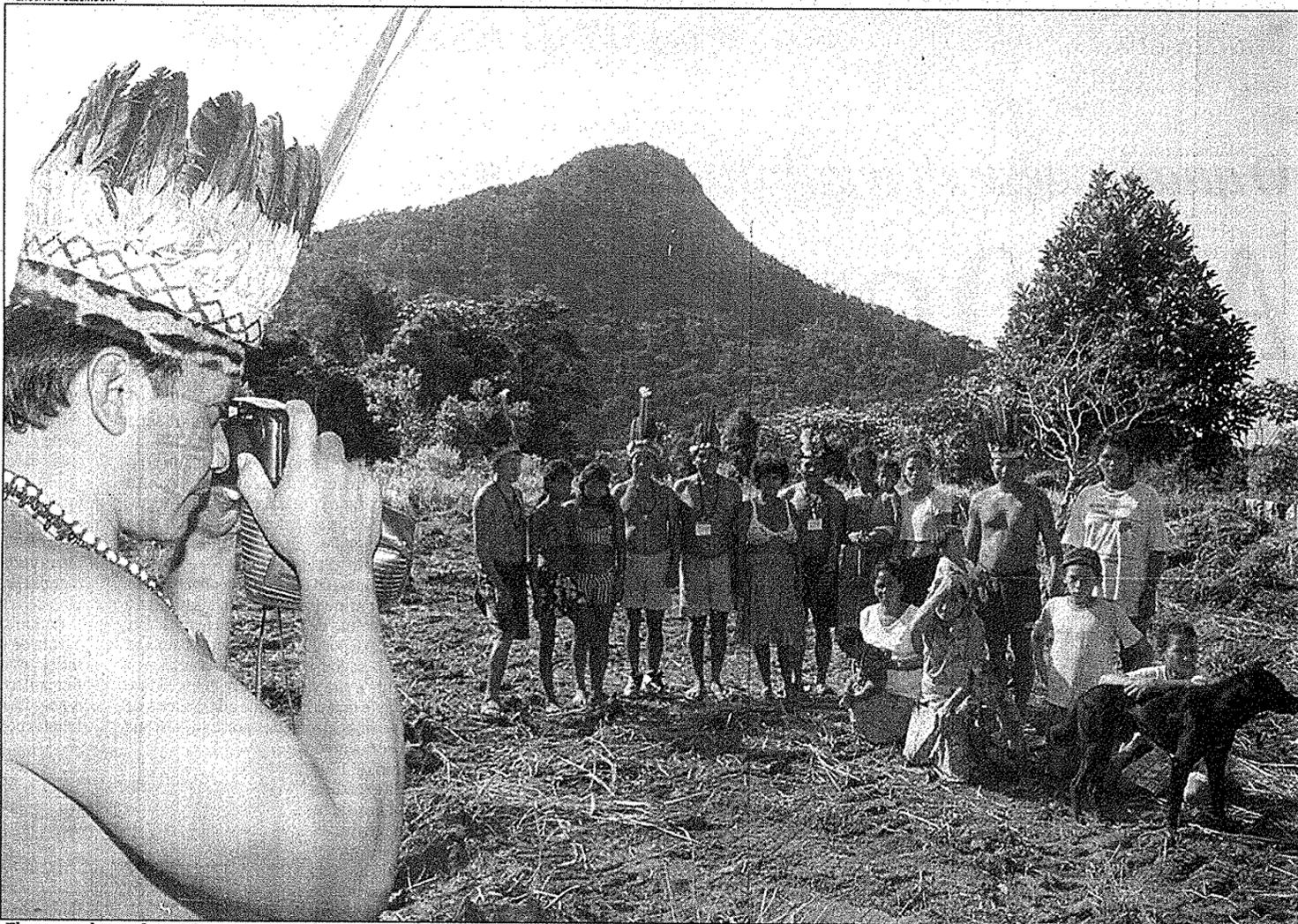
Fernando já conhece o mar e preferia não ter viajado quinze dias para chegar a Cabralia. "Não gosto de deixar minha família", reclama. "Se os governantes tivessem respeito pelo povo verdadeiro desse país, se nós fôssemos assistidos pelos projetos econômicos que o governo implanta, eu não estaria aqui", diz ele.

ESPECULAÇÃO À VISTA

A região do descobrimento é um museu vivo das contradições que índios e brancos vivem há cinco séculos. Os pataxós, que habitam essa região onde o turismo floresce com toda força, são as testemunhas.

Excitados com a chegada de

Wanderlei Pozzembom



Flagrante de um dos muitos contrastes da costa do descobrimento: como qualquer turista branco, índio do Amazonas fotografa índios da Bahia para mostrar na aldeia

índios de todas as regiões do país às terras sob jurisdição do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), que reivindicam e ocupam há um mês, um grupo de jovens pataxós canta e dança, sob a luz da lua crescente, para seus hóspedes ao pé do Monte Pascoal — a primeira coisa que a frota do descobridor português avistou do mar. "Verde e amarelo é a cor do meu Brasil/ a terra dos pataxós, foi Cabral que invadiu", dizem os versos da canção.

Como é comum em encontros entre índios de nações diferentes, os anfitriões gostam de exibir sua cultura. Os convidados, porém, estão exaustos com a cansativa viagem e, com exceção de uns poucos, preferem pendurar suas redes e dormir entre as vigas da lona de circo armada para receber os representantes de cerca de 170 povos que rumaram para Monte Pascoal no sábado e hoje estarão em Santa Cruz de Cabralia para

discutir como serão "os outros 500" anos do Brasil.

Para os índios pataxós e outros que chegam de todos os cantos do país, existe um sabor especial em ocupar o Parque Nacional do Monte Pascoal, onde carros são barrados na entrada e brancos só entram com autorização. "Isso demonstra que não estamos sós e que estamos juntos para reconquistar nossa terra", explica Nailton Pataxó, da tribo dos pataxós há-hã-hãe, que vivem mais para o interior.

Ao redor do Monte Pascoal, ocupando instalações de fazendas que estão sendo reintegradas ao Ibama, vivem 68 famílias. São todos pataxós, etnia que hoje habita nas terras que Cabral viu há 500 anos e que foram tomadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN) como a área do Museu Aberto do Descobrimento.

São 70 quilômetros, de Belmonte a Santa Cruz de Cabralia. A área atrai, além de índios, hordas de turistas do Brasil e do

mundo, que chegam todos os dias no aeroporto internacional de Porto Seguro. Apenas na última sexta-feira, por exemplo, foram quinze aterrissagens de aviões trazendo argentinos. O jogo de interesses econômicos, portanto, é grande, e não são poucos os que acham que os índios têm terras demais. "É demais ter 68 famílias onde antes um só fazendeiro era dono de tudo?", questiona Nailton.

POBRES FELIZES

No Sul da Bahia vivem hoje cerca de nove mil índios. Na região do descobrimento existem duas reservas indígenas, a do Pau-Brasil e a de Santa Cruz de Cabralia. Todas de pataxós que, segundo os especialistas, não foi o povo que os homens de Cabral encontrou na terra batizada por eles de Santa Cruz. Na época, ali viviam os tupinambás.

Depois de séculos sobrevivendo graças ao transporte marítimo, a região de Porto Seguro viu a economia minguar a partir

de 1964, quando foi desativada a Companhia de Navegação da Bahia. Durante quase uma década, não havia mais como escoar a produção de madeira, cacau, garoupa e dendê. Quando os preços das fazendas despencaram, o empresário Moacir Andrade chegou de Salvador para comprar uma delas. Ele sabia que o governo planejava a construção da BR 101 — que em 1973 passaria a ser a via de ligação com o mundo.

Piloto, Moacir viu o primeiro voo de técnicos da Funai para a área dos pataxós em Barra Velha, 60 km ao sul de Porto Seguro. Também ajudou alguns pataxós a irem viver em Coroa Vermelha. "Eles eram pobres, mas pareciam felizes", recorda o empresário.

Até dois anos atrás, quando a região foi transformada em reserva indígena, o local já havia virado uma pequena favela, sem esgotos nem urbanização, onde espremiavam-se algumas centenas de famílias de índios e bran-

cos. Porém, com a demarcação do território e toda a badalação em torno da celebração dos 500 anos do Brasil, os pataxós ganharam status. No dia 22, terão inaugurado um shopping indígena e um museu só para eles.

Também estão ganhando do Ministério da Cultura uma escola com arquitetura indígena e, do governo da Bahia, casas novinhas em folha. Já foram construídas 48. Outras 140 estão a caminho, satisfazendo todas as famílias. Bom, quase todas: outras 12 recusam-se a sair de perto do monumento de Mário Cravo.

Entre os que dali não saem está Chico Índio, um dos responsáveis pelo loteamento de Coroa Vermelha. Alguns o chamam de "vendilhão do templo". Vereador por Santa Cruz de Cabralia, ele tem seu próprio carro, um Pampa azul, e acha "muito pouco" deixar terreno tão nobre em território pataxó, em troca apenas de uma casa nova e R\$ 2 mil reais.

NADA A COMEMORAR

O ritual de toré (dança em homenagem aos mortos) ao redor da centenária estátua do Caboclo, no bairro do Campo Grande, marcou ontem o início da passeata com 500 índios de seis estados do Nordeste pelo centro de Salvador. Ao final da manifestação, embarcaram para Santa Cruz Cabralia, onde vão participar da Conferência Indígena. A passeata foi engrossada por ambientalistas, sem-terra e sindicalistas. "Não temos nada a comemorar. Em 500 anos de história, os brancos invadiram e tomaram nossas terras. Agora, estamos lutando para reconquistá-las", afirmou Sandro Daikir, 22, líder da tribo Tuxá em Rodelas (BA). (Agência Folha)